

**CARDIOMIOPATIA HIPERTRÓFICA EM FELINOS DOMÉSTICOS –  
REVISÃO DE LITERATURA**

**Rafael Franco Vilela<sup>1</sup>**  
**Wander Glayson Pereira Barbosa<sup>1</sup>**  
**Caroliny Diniz Ferreira<sup>1</sup>**  
**Lucas Peres da Silva<sup>1</sup>**  
**Rayssa Bifano de Oliveira Silva<sup>1</sup>**  
**Laíse de Oliveira Souza<sup>1</sup>**  
**Mayara Cristini Ferreira Aguiar<sup>2</sup>**

rfrancovilela@gmail.com

**ÁREA DE CONHECIMENTO:** Ciências Agrárias

**PALAVRAS-CHAVE:** cardiologia felina; cardiopatia; gatos.

### **INTRODUÇÃO**

A cardiomiopatia hipertrófica (CMH) é uma doença cardíaca que acomete frequentemente os felinos domésticos (BRANQUINHO *et al.*, 2010), sendo caracterizada pelo aumento leve a severo da câmara ventricular esquerda, em conjunto com uma disfunção diastólica (SILVEIRA *et al.*, 2015). Os animais são mais acometidos aos três anos de idade e apresentam como principais sinais clínicos epigastralgia, dor torácica (SIQUEIRA *et al.*, 2013), anormalidades respiratórias, insuficiência cardíaca congestiva (ICC) aguda e paraparesia/paraplegia devido a um tromboembolismo arterial. Para o diagnóstico da CMH, podem ser realizados diversos exames complementares, portanto, o ecocardiograma é considerado padrão-ouro para diagnóstico da doença (SILVEIRA *et al.*, 2015). A CMH é a doença cardíaca mais comum em felinos adultos, e devido a elevada incidência na clínica, os médicos veterinários devem estar aptos para diagnosticar a doença (SILVEIRA *et al.*, 2015; MATTEUCCI, 2011). Devido a importância da doença, o presente trabalho de revisão de literatura, tem como objetivo apresentar aspectos relevantes da doença, bem como sinais clínicos, diagnóstico e prognóstico.

### **METODOLOGIA**

Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o assunto no período de junho e julho de 2019, com o objetivo de obter informações para a elaboração do trabalho. A pesquisa de artigos foi realizada nas plataformas *Scielo*, e Google Acadêmico, sendo usadas palavras-chave como: cardiologia felina; cardiopatia; gatos. Foi utilizado um total de 609 artigos, sendo destes 9 selecionados para a construção do trabalho.

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária - Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó-MG

<sup>2</sup> Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX, Médica Veterinária e Mestre em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Espírito Santo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Considerada a alteração cardíaca mais comum entre os felinos domésticos, a CMH é uma doença miocárdica, ou seja, uma condição que acomete o músculo cardíaco, sendo caracterizado pela hipertrofia da musculatura do ventrículo esquerdo (ACVIM, 2019), possuindo característica de uma câmara rígida e não complacente, o que causa dificuldade na diástole, elevando a pressão do enchimento do ventrículo esquerdo, resultando em dilatação do átrio esquerdo. Com a evolução da enfermidade, ocorre hipertensão nas veias pulmonares, conseqüente edema pulmonar e insuficiência cardíaca congestiva esquerda (ICCE) (MATTEUCCI, 2011). A causa primária da CMH é desconhecida, porém, sabe-se da existência da doença devido fator genético, tendo como característica o padrão autossômico dominante, que estão associadas a algumas raças (ARIOZA & SILVA, 2017). Em relação a causas secundárias da CMH em felinos, são consideradas hipertensão arterial sistêmica e o hipertireoidismo (JERICÓ, ANDRADE NETO E KOGIKA, 2015). Tal patologia possui uma maior incidência em animais de raça pura, como Siamês, Maine Coon, Sagrado da Birmânia, Persa, Pelo Curto Britânico e Pelo Curto Americano. Gatos machos representam 75 % dos animais afetados (MATEUCCI, 2011). Os animais podem apresentar-se assintomáticos ou com sutis sinais clínicos, o que torna difícil o diagnóstico (PEREIRA, 2017). Os animais sintomáticos irão apresentar sinais respiratórios de diferentes severidades, como taquipnéia, edema pulmonar, respiração ofegante, dispneia, e em casos mais raros podem manifestar tosse ou apresentar também sinais de tromboembolismo. O início da CMH felina pode apresentar de maneira aguda em gatos sedentários e geralmente anorexia ou letargia são os únicos sinais clínicos da doença. Em alguns casos, ocorre síncope e mesmo sem apresentar anteriormente nenhuma evidência, pode ocasionar em morte súbita do animal. Outros fatores importantes como estresse, procedimentos cirúrgicos, anestésias e doenças sistêmicas podem aumentar os sinais clínicos, levando ao surgimento de ICC em felinos com CMH compensada (ZAMBONI & ROMÃO, 2015). Apesar de ser pouco conclusivo para o diagnóstico de CMH, o raio-x pode apresentar o aumento do átrio e ventrículo esquerdo e sinais de repercussão pulmonar. Quanto ao eletrocardiograma (ECG) as alterações mais comuns são taquiarritmias ventriculares, desvio de eixo para a esquerda e despolarizações atriais (ARIOZA & SILVA, 2017). Para diagnóstico definitivo, deve ser realizada ultrassonografia cardíaca (ecocardiograma). Deve ser feita avaliação morfológica do átrio esquerdo, sendo realiza imagens transversais ou longitudinais, sendo que as imagens transversais deverão estar indexadas pelo diâmetro aórtico e a medida deve ser feita ao final da sístole ventricular. Para imagens longitudinais, devem ser produzidas as imagens obtidas pela janela paraesternal direita e fazer esta medida do septo interatrial até a parede do átrio esquerdo e esta medida também deve ser realizada ao final da sístole

ventricular. Outro fator que deve ser avaliada é a função do átrio esquerdo através da fração de encurtamento atrial, que irá analisar qual a variação percentual entre o maior e menor tamanho do átrio esquerdo (ACVIM, 2019). O prognóstico do paciente se baseia em diversos fatores, desde a apresentação dos sinais clínicos do animal, avaliação do ECO, respostas ao tratamento, ocorrência ou não de tromboembolismo, bem como a progressão da patologia com o surgimento ou não de disritmias. Contudo, os proprietários devem ser orientados com a possibilidade de morte súbita do animal, sendo que alguns casos esse pode ser o único sinal clínico (SILVEIRA *et al.*, 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Cardiomiopatia Hipertrófica em felinos é considerada uma doença hereditária grave, com elevada taxa de mortalidade. O diagnóstico da doença deve ser feito de forma precoce, para que o médico veterinário estabeleça uma melhor qualidade de vida para o paciente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACVIM. **Atualizações Cardiológicas do ACVIM 2019**. 25. jun. 2019. Disponível em: <https://webinar.incloud.vet/webinars/live/3d74fcdc-9da7-4bca-a543-e0ad5b1daa15>. Acesso em: 01. Agosto. 2019.

ARIOZA, N. A. F.; SILVA, P. R. Cardiomiopatia Hipertrófica Felina. **Anais do ICESP PROMOVE**, São Paulo, p. 1291-1294, 1º/2017.

BRANQUINHO, J.; MONZO, M.; CLAUDIO, J.; ROSADO, M.; CARVALHO, J.; LACERDA, R.; RODRIGUES, K. Diagnóstico Imagiológico de Cardiomiopatia Hipertrófica. **Revista Lusófona de Ciência e Medicina Veterinária**. Campo Grande, v.3, p. 36-44, 2010.

JERICÓ, M. M.; KOGIKA, M. M.; ANDRADE NETO, J. P. **Tratado de Medicina Interna de cães e gatos**. 1ª edição, Rio de Janeiro, Roca, 2015.

MATTEUCCI, G. **Cardiomiopatia Hipertrófica Felina: Revisão Bibliográfica**. Orientador: Prof. Dr. Sony Dimas Bicudo, 2011, 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade “Júlio Mesquita Filho”, Botucatu-SP, 2011.

PEREIRA, C. O.; COSTA, F. V. A.; VERAS, S. C. M.; SOUZA, H. J. M. Tromboembolismo arterial e edema pulmonar em um gato com cardiomiopatia hipertrófica. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 13, n. supl., p. 11-12, 2013.

SILVEIRA, J. A. M.; MORAIS, G. B.; MACAMBIRA, K. D. S.; XAVIER JUNIOR, F. A. F.; PESSOA, N. O.; COSTA, P. R. C.; EVANGELISTA, J. S. A. M. Cardiomiopatia hipertrófica felina: aspectos relevantes. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, Ceará, v. 9, n. 3, p. 465-476, Setembro, 2015.

SIQUEIRA, V. J.; FERREIRA, P. A. da S.; FERREIRA, I. A.; BERNIS FILHO, W. O.; BERNIS, V. M. O.; PINHEIRO, T. M. S. Cardiomiopatia Hipertrófica em gato doméstico (Felix-Felix) – relato de caso. **Revistas mv&z**, São Paulo, v. 11, n. 3, 2013.

ZAMBONI, V. A. G.; ROMÃO, F. G. Cardiomiopatia Hipertrófica Felina: relato de caso. **Alm. Med. Vet. Zoo**, p. 36-48, Fevereiro, 2015.